

O MARGINAL COMO SUJEITO HISTÓRICO: O CASO DE CAROLINA MARIA DE JESUS COMO EXPERIÊNCIA DE UM “DESPEJO” AINDA EM VOGA NA ATUALIDADE

Edinei Pereira da Silva¹

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo apresentar o Marginal como sujeito histórico. Para tanto, trago o pensamento da escritora Carolina Maria de Jesus e seu livro *Quarto de Despejo*: diário de uma favelada, como uma das fontes para o presente estudo, de forma a historicizar os espaços praticados na cidade de São Paulo, que àquela altura vivia uma intensa dinamização na estrutura de sua paisagem urbana, o que resultou no afastamento de muitas pessoas para as bordas dessa megalópole. Nesse caso, os sujeitos “indesejados” foram empurrados para as margens do rio Tietê. Como aporte teórico-metodológico para este estudo de caso, utilizei tanto algumas obras correlatas a essa temática, como os jornais da época, que também são fontes históricas de primeira grandeza.

PALAVRAS-CHAVE: Cidade. Marginal. Resistência. Carolina Maria de Jesus.

THE MARGINAL AS HISTORICAL MEN: CAROLINA MARIA DE JESUS'S CASE EXPERIENCE OF ONE “DUMP” IS UNTIL CURRENT IN ACTUALLY

¹ Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. E-mail: edineipereira29@yahoo.com.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5762-6176>.

ABSTRACT: The present article has as objective show The Marginal as historical men. For this, I bring the think of the writer Carolina Maria de Jesus in your book “Child of the Dark: The diary of Carolina Maria de Jesus”, wich a source to the present study, to historicize the practices spaces in the city of São Paulo, which in that moment passed by a hard dynamization in the stucture of the urban landscape, this results in a removal of a lot of people to the megalopoles edges’s. In this case, the “unwanted” people were pushed to the riverside of the river Tietê. As a theoretical-methodological contribution to this case study, I used some related works with this thematic, like newspaper of that period, which are also historical sources of the first magnitude.

KEYWORDS: City. Marginal. Resistance. Carolina Maria de Jesus.

EL MARGINAL COMO SUJETO HISTÓRICO: EL CASO DE CAROLINA MARÍA DE JESÚS COMO EXPERIENCIA DE UN “DESAHUCIO” AÚN EN BOGA

RESUMEN: Este trabajo tiene como objetivo presentar el Marginal como sujeto histórico. Para ello, traigo el pensamiento de la escritora Carolina Maria de Jesus y su libro “Quarto de Despejo: diário de uma favelada”, como una de las fuentes para este estudio, con el fin de historizar los espacios practicados en la ciudad de São Paulo, que en ese momento estaba experimentando una intensa dinamización en la estructura de su paisaje urbano, lo que resultó en el traslado de muchas personas a los bordes de esta megalópolis. En este caso, los sujetos “no deseados” fueron empujados a las orillas del río Tietê. Como soporte teórico y metodológico de este estudio de caso, utilicé algunas obras relacionadas con este tema, así como los periódicos de la época, que también son fuentes históricas de primera magnitud.

PALABRAS CLAVE: Ciudad. Marginal. Resistencia. Carolina Maria de Jesus.

INTRODUÇÃO

Atualmente algumas obras reforçam o típico gênero literário conhecido como Literatura Marginal. O rol de livros que estruturam esta vertente está fundamentado principalmente na forma como os autores capturam a realidade que os rodeia. Retratar essa realidade é um dos

pontos para entendermos essa dinâmica. Contudo, apresento as pessoas comuns, aquelas que desenvolvem cotidianamente ações, o que faz com que o metabolismo de uma zona periférica, as bordas esquecidas, tenha e faça suas vozes serem audíveis, percebidas pelos ecos retumbantes de seus fazeres. Entendemos que esses sujeitos históricos foram/são parte imprescindíveis de um processo que nos mostra uma construção desconexa, tensa e fragmentada. A história contada a partir das margens merece destaque.

Carolina Maria de Jesus, autora cujo pensamento e trajetória destacamos para refletirmos sobre a marginalidade, testemunhou e documentou essa “realidade distópica”. Seu “diário”, assim como os demais escritos, traçaram um panorama de uma cidade alicerçada nas ações de um sistema perverso e voraz. Suas denúncias até hoje servem de aparato para literatos, historiadores, geógrafos, sociólogos e cientistas políticos entenderem não somente aquele momento, mas como o passado reflete na atual conjuntura.

O presente estudo discorre sobre certas vivências: sujeitos vivendo às margens. Além de ter como ponto de partida Carolina Maria de Jesus, e tratar sobre sua trajetória, tendo como pano de fundo sua obra mais conhecida *Quarto de despejo*: diário de uma favelada, divido o trabalho em algumas seções, de maneira que o estudo sobre os conceitos, conjuntura e ações diárias na favela do Canindé sejam elucidadas e compreendidas pelo leitor.

Destarte, na primeira parte denominada de “Marginalidade e Resistência em Carolina Maria de Jesus”, apresento um viés analítico introdutório daquela que se insurgiu diante de um universo potencialmente paradoxal, além de trazer alguns autores cujo aporte teórico-metodológico perpassará as linhas subsequentes: como é o caso de Walter Benjamin e o significado de “*leitura a contrapelo*”. Em “O Marginal na História”, discorro sobre o conceito de “*Marginal*” a partir dos estudos de Jean Claude-Schmitt, numa perspectiva histórica. E na parte que trato sobre “O Rio Tietê e as margens de uma sociabilidade praticada”, apresento os aspectos das múltiplas vivências às margens do rio Tietê, assim como problematizo a maneira como o processo de urbanização impactou a cidade de São Paulo.

É importante notar que decidi manter em todos os trechos retirados da obra de Carolina Maria de Jesus a originalidade de seus escritos. Por entender que os desvios tidos como “erros” na norma culta da língua portuguesa não interferem na compreensão da mensagem, sobretudo no que norteia os aspectos históricos e sociais àquela altura, assim como na atualidade.

Por fim, em “Carolina Maria de Jesus e a personificação da resistência Marginal”, elaboro uma apresentação mais detalhada sobre a autora de quarto de despejo, assim como de sua obra mais conhecida. Todas as correlações de fatos sustentados a partir dessas evidências corroboram o fato de denominarmos as ações da autora e os sujeitos que ocuparam as bordas da cidade de resistentes. Esse estudo é sobre as agruras do cotidiano, mas também sobre o caminhar reflexivo e empoderado da mulher negra e favelada.

REALIDADE DISTÓPICA COMO MUNIÇÃO DE UMA ESCRITA

Os aspectos que permeiam a vida e obra de Carolina Maria de Jesus estão consubstanciados com as múltiplas formas de resistências daqueles que desobedecem às normatizações do sistema alicerçado nas contradições do cotidiano. Embora a vida e obras da autora estejam atreladas ao universo da literatura, abarcam fatores que se ampliam para o campo da História, Sociologia, Psicologia, Economia, entre outros. Tão grande a importância da autora e de seus escritos.

Os indícios capturados nas particularidades das ações de uma vida sedimentada numa narrativa distópica, a exemplo das constantes descrições de precarizações, cujo espaço entrecruzado pelos sujeitos denuncia uma sociedade fragmentada, e inferem os meandros do que pode ser entendido como o *Marginal*. Para tanto, diante do exposto, é imprescindível definirmos aqui o distópico como um prognóstico das contradições presentes, e que sedimentam os entrelaçamentos de um tecido social. As desigualdades estruturantes de nossa realidade, bem como o universo da autora aqui apresentada, são parte constituinte dos despejos, das violências psicológicas, de gêneros, raciais etc. São indissociáveis.

O fato marcante desse embate consiste nas denúncias feitas pelos sujeitos, através de seu mecanismo de comunicação: seja um livro, um filme, uma música, uma dança etc.

A palavra distopia pode ser pensada por meio de seu sentido originário, mais precisamente do grego, que significa “lugar ruim”. Esse conceito é bastante comum, principalmente num universo de filmes e escritos literários que retratam uma desregulação social alarmante. Contudo, se trata, também, de refletirmos sobre um mundo que evidencia todas as contradições já apontadas anteriormente. O distópico, portanto, é a capacidade de expressar e denunciar as mazelas sociais. Na obra de Carolina, sobretudo *Quarto de Despejo*, é possível constatar essa conjectura.

Além de anunciar uma disrupção social apontada e capturada pelos sujeitos que vivenciam uma determinada realidade social crítica. Em cada época essas constatações podem ser descritas de acordo com a dinâmica de cada momento: mediante as perseguições propagadas por ditaduras, desigualdade social, até mesmo moradias precárias e fome.

Preconiza-se com essas linhas iniciais destacar que a história das mulheres, sobretudo das mulheres negras, esteve durante toda a História marcada pelas mais diversas contradições. Suas participações efetivas na vida social, assim como na esfera pública, encontraram barreiras erguidas por discursos racistas e patriarcais. As formas de sufocamento foram estruturadas de maneira perversa para legitimar o que de pior as classes dominantes legaram, sobretudo após a escravidão.

Como aporte teórico-metodológico para o presente estudo, e embasado na obra *Quarto de Despejo*, faz-se necessário, *a priori*, uma concatenação com parte da literatura que aborda uma temática correlacionada a esse universo, que por meio da inserção no debate do conceito *Marginal*, como parte integrante da historicidade preponderante num dado momento, nos coloca diante de um cotidiano tecido constantemente por sujeitos históricos que se insurgem e traz para a superfície uma realidade até então ocultada.

Ainda sobre os pontos elencados acima, que se mostram substanciosos nas/para as pesquisas de um recorte histórico temporal relativamente distante dos dias atuais, lembramos que, no presente, as

periferias são constantemente cantadas em prosa e verso rítmicos pelos sujeitos que ali vivem: a arte é tida como mecanismo de profusão desse *pensar*. Mesmo diante dos “muros” impostos pela barbárie, as múltiplas vozes procuram tomar seus espaços por meio da arte, da reflexão crítica.

A Literatura Marginal, assim como foi o *Cinema Marginal*² no final da década de 1960, são veículos que se encarregam de denunciar as mazelas sociais. Além disso, dialogam com o fato de apontar, ainda na linha das denúncias, e apresentar as dissonâncias de uma narrativa propagada pelo sistema mercadológico. A justificação para isso está estruturada no desenvolvimento da resistência como mecanismo de defesa diante de um mundo dissonante.

Nesse caso, a ideia consiste na apropriação desses instrumentos criados pelo capitalismo como forma de domínio. Sobre isso, Michel de Certeau (2014) dá o nome de “*bricolagem*” e “*Estratégias e Táticas*”. Ou seja, os sujeitos das bordas, aquele mais “fraco”, utiliza-se de uma arte, e manifesta-se por meio de astúcias adquiridas numa constante interação com seu meio e labutas diárias.

Os aparatos, em cada período histórico, quando usados pelos sujeitos históricos, podem ser ressignificados de acordo com o sentido empregado para uma ação definida, o que nos faz pensar que o deslocamento dos nossos olhares para aqueles que por muito tempo foram/estiveram invisibilizados, traz para a superfície dos acontecimentos um fator preponderante para o presente estudo: a compreensão das micros-ações respaldadas pelos homens e mulheres comuns de cada período, e manifesta pelos atos de subversão.

Logo, para Walter Benjamin (2012), faz-se necessário uma releitura histórica, de modo que seja feita uma análise minuciosa dos fatos e suas narrativas, até então atreladas aos grandes acontecimentos. Dessa maneira, o autor propõe que é necessário “*escovar a História a contrapelo*”, o que significa dizer que os acontecimentos tidos como “pequenos” se tornam

² Movimento cinematográfico que surgiu no final da década de 1960, que entre outras propostas desenvolvia um cinema crítico. Vários aspectos denotam o sentido de “marginal”, como as imagens abjetas, o lixão, o grotesco, o subterrâneo, a fragmentação. Para melhor compreender esse movimento ver Ramos (1987).

importantes e fundamentais para compreensão dos momentos pelos quais a sociedade foi erguida. Retomar os fatos invisibilizados é colocar, assim como nos faz entender, homens e mulheres comuns na engrenagem da história.

Quando Carolina Maria de Jesus escreveu seu diário, relatando o cotidiano da favela do Canindé, às margens do rio Tietê, é possível perceber algumas questões explícitas, como a fome, barracos de madeira, brigas, desemprego, violência etc. Nota-se, a partir das correlações desses fatos, também outros elementos de caráter implícitos, como as consequências do surgimento da favela como opção de despejo daqueles sujeitos, mas que é parte das consequências estruturadas pelas mudanças e consolidação que apontavam na urbanização da cidade de São Paulo. Como era habitual, a própria Carolina faz o seguinte relato de seu cotidiano na favela:

[...] Deixei o leito as 4 horas para escrever. Abri porta e contemplei o céu estrelado. Quando o astro-rei começou a despontar eu fui buscar água. Tive sorte! As mulheres não estavam na torneira. Enchi minha lata e zarpei [...] Fui no Arnaldo buscar o leite e o pão. Quando retornava encontrei o senhor Ismael com uma faca de 30 centímetros mais ou menos. Disse-me que estava a esperas do Binidito e do Miguel para mata-los, que eles lhe expandaram quando ele estava embriagado (JESUS, 2014, p. 21).

Mesmo com algumas diferenças ortográficas da norma padrão da língua portuguesa, o que não tira a sensibilidade e grande importância da obra, é imprescindível apontar como foi feita a descrição do espaço. O uso metafórico ao tratar dos recortes espaciais são indícios para as correlações dos acontecimentos, e nos instigam a buscar, ler nas entrelinhas, e traduzir o sentido social, cultural e econômico daquela dinâmica. O deslocamento das bordas para o centro nos guia por um caminho proposto logo acima por Walter Benjamin, ao propor uma leitura dos fatos históricos a contrapelo, num movimento que desobedece a um formato retilíneo.

A simbiose do poético com a realidade com que descrevia o ambiente era característico ao tratar sobre a dinâmica de sua vida, e das

pessoas com as quais se relacionavam. Podemos perceber que em um só dia foi relatada uma série de elementos que perpassam pelas páginas do diário, e que de fato se fez presente no seu dia-dia. A esperança consiste em contemplar o belo, ao referir-se ao “céu estrelado”. Entretanto, o belo também é apresentado pela estética que subverte as ordens normatizadas ao tratar sobre “fui buscar água”, “enchi minha lata”, “para mata-los” e “estava embriagado”. Essa sequência alicerça a narrativa distópica, e sedimenta a desconstrução do romântico. Nos coloca, portanto, diante de uma realidade tensa e fragmentada, que para além das descrições apontadas pela autora, concernentes àquele lugar, nos faz pensar que aquele cotidiano é o cotidiano de tantas outras pessoas que ocupam outras margens, outras bordas de uma cidade que pulsava pujança.

Aquela margem assim constituía-se, se reforçava e se fortalecia, na medida em que o sistema se contradizia. Os Marginais nos contam as tensas particularidades daquele mundo negado, negociado, apropriado por aqueles que viviam nas bordas. Borda essa que se configurava como uma região fronteiriça, campo de captação de recursos para o enfrentamento do capital voraz que ganhava corpo. O Marginal, tal qual em outros momentos da história, torna-se parte integrante daquela organicidade.

O MARGINAL NA HISTÓRIA

Quando se trata de tomar a História a partir de um vértice até então pouco convencional, e problematizar as questões intrínsecas aos fatos alicerçados por um longo período, faz-se necessário repensar os sentidos empregados aos acontecimentos tidos como “grandes”, como os mais importantes. Entretanto, da mesma forma, na medida em que procuramos notar a importância para tais acontecimentos, é imprescindível apontar que a justificação para as circularidades das ideias fora, por muito tempo, asfixiada pelos “grandes fatos”, aqueles entendidos como os oficiais.

Na presente seção trato o sentido que o conceito *Marginal* representa para a história, assim como procuro traçar as linhas para a compreensão de suas ações nas bordas, a partir das ações dos sujeitos que constituíram uma zona periférica pautadas nas contradições de um mundo dissonante.

As insurgências dos corpos e mentes que não se enquadravam nas normatizações ditadas pelas elites nos contam sobre as engrenagens de uma história ocultada.

Nesse sentido, após um longo período, a História passou a ser observada a partir de suas bordas, de suas margens. Acerca do mencionado, além de outros tantos imprescindíveis estudos desenvolvidos pela História Cultural, podemos citar *A Escola dos Annales*.³ O sujeito comum, aquele invisibilizado por um longo tempo, não ganhou voz, porque já as tinha, mas tornou seu eco audível, assim como subverteu a lógica dos padrões assentados nas sociedades estruturadas até então. Dessa maneira, procuro responder o seguinte questionamento: o que é o Marginal?

Tomando como ponto de partida o “Marginal” como um conceito a ser problematizado aqui, evocamos, para alicerçar de maneira introdutória, o historiador e pensador dos estudos culturais Raymond Williams (1979), que entre outras contribuições se debruça sobre os *conceitos*. Esses, portanto, não são estanques, ou seja, as temporalidades, assim como o espaço geográfico nos quais estão inseridos nos permitem apontar algumas particularidades e percepções acerca de sua dinâmica. Como o próprio pensador pontua,

Quando percebemos de súbito que os conceitos mais básicos- os conceitos, como se diz, dos quais partimos- não são conceitos, mas problemas, e não problemas analíticos, mas movimentos históricos ainda não definidos [...] (WILLIAMS, 1979, p. 36).

Dito isso, entende-se que em torno de um conceito há uma historicidade passível de problematizações e incessantes estudos que servirão de aportes para a compreensão de um recorte histórico temporal

³ Podemos definir a Escola dos Annales como uma corrente de pensamento intelectual que emerge na França em 1929. O principal objetivo que caracteriza esse movimento concerne na substituição da tradicional narrativa dos acontecimentos relacionados à política, aos grandes fatos, colocando como ponto central uma história-problema. Alguns nomes que compuseram esse movimento foram Lucien Febvre, Marc Bloch, Fernand Braudel, George Duby, Jacques Le Goff e Emmanuel Le Roy Ladurie. Sobre o tema, ver Burke (2010).

a ele intrínseco. Williams nos coloca frente a um desafio, que é justamente pensar a História como um movimento, onde existem circularidades de uma série de questões a serem pensadas, repensadas e problematizadas a partir de suas minúcias, que atravessam o tempo.

Pensar o “Marginal” é, antes de tudo, pensar nas micro-ações, é retomar a História assentada numa dinâmica, nos deslocamentos que partem das bordas/centros, e centro/bordas, como numa circularidade. Movimentos que replicam as necessidades para despertar o “faro” para o que estava escondido. De maneira que as testemunhas oculares das ações periféricas sejam contatadas pelos sujeitos comuns, aqueles que nos mostrarão a História a contrapelo.

Essa “escovação” na contramão dos fatos nos permite recuperar o cotidiano dos sujeitos comuns. Logo, Jean Claude-Schmitt nos apresenta a História dos Marginais na perspectiva daqueles que não estavam de acordo com o *modus operandi* da época, ou mesmo não se enquadravam nos padrões do momento, nem dentro de uma normatização construída com base nos preceitos de uma elite dominante. Para este autor, portanto, no decorrer do processo histórico, os fatos entrecruzam-se com a organicidade fora dos centros.

Dessa maneira, leprosos, prostitutas, bêbados, desempregados e andarilhos, assim como todos aqueles que estavam nas bordas, formavam um corpo de pessoas marginalizadas, os que se encontravam excluídos do centro, mas não daquela constituição dos fatos que por certo realçam a costura dos vários acontecimentos. O que significa dizer que os deslocamentos analíticos do centro para a periferia dos fatos, de maneira a tratar sob a ótica dos sujeitos como testemunhas oculares daquela dinâmica, nos colocam na rota da leitura “a contrapelo”. Retomar os fatos Históricos é, portanto, fazer não só uma releitura do que ficou “esquecido”, mas trazer para a superfície o sujeito que fez parte desse processo.

O ato de questionar os dogmas de um sistema já se compõe como sendo o reduto no qual certamente podemos encontrar nos vestígios do passado o sujeito das bordas. Quando Carlos Ginzburg (1987), em *O Queijo e os Vermes*, mergulha nos documentos da inquisição e extrai a vida de Menocchio, uma série de questões se realçam a partir dali, como, por

exemplo, a privação do conhecimento. Uma espécie de privatização do saber por parte da cúpula da igreja.

A apropriação dos eventos surgidos a partir das invenções da imprensa e da Reforma Protestante fez de Menocchio, um simples homem cuja profissão era moleiro, nosso antepassado. Isso pelo fato de que, para Ginzburg (1987, p. 231), “o caso de Menocchio se insere nesse quadro de repressão e extinção da cultura popular”. O que significa dizer que a história é atravessada por essas questões, nas quais a elite de cada época asfixia e/ou cria mecanismo que possibilite o apagamento desse pensar crítico.

No Brasil, os exemplos de repetidas tentativas de “repressão e extinção da cultura” conforme mencionado acima, foi, e ainda é bem presente em vários momentos da nossa História. Para tratarmos daquilo que viveu Carolina Maria de Jesus, assim como o que foi produzido ao longo de sua vida, é importante nos colocarmos frente a esses e outros desafios. Reflexões substanciais para/no campo social. A multiplicidade de eventos citados, que pode caracterizar os aspectos da marginalidade, condiciona nossa esteira de eventos nas linhas subsequentes.

O Marginal não é apenas um conceito a ser compreendido aqui nesse trabalho como um enquadramento para a concepção do que não está no centro dos acontecimentos. Para além disso, o empreendimento dessa palavra contém sentidos que de certa maneira desconstrói uma narrativa assentada numa lógica engessada e estanque. O Marginal é um sujeito histórico, e representa em cada período a disfunção do metabolismo mordaz imposto por uma elite dominante e perversa. As margens nos dão a dimensão das relações sociais, econômicas, políticas e culturais. Isso, portanto, não significa fazer um apagamento do que acontece/aconteceu no outro polo, mas sim, nos permite correlacioná-la a outras vertentes.

O RIO TIETÊ E AS MARGENS DE UMA SOCIABILIDADE PRATICADA

O Rio Tietê é parte integrante e indissociável de uma história entrecruzada pelo Marginal em São Paulo. Isso pode ser entendido se tomarmos como ponto de partida as relações sociais que dinamizaram seu entorno, assim como as ações dos sujeitos que passavam a se estabelecer nos seus arredores. Para além do que foi, e como foi construído, é possível notar um cotidiano peculiar nas ações dos sujeitos. Carolina Maria de Jesus encontrou nesse espaço um lugar para morar, mais precisamente no Canindé, a primeira favela que surgiu em São Paulo às margens do Tietê. Antes de tratarmos sobre o cotidiano da autora de *Quarto de Despejo* nas ruas que interligavam os arrabaldes daquele paradoxal e fragmentado espaço, abordaremos o Rio como a composição histórica das múltiplas experiências daquele espaço.

A cidade de São Paulo é carregada de sentidos históricos, que por certo a construção da metrópole esteve ao longo de sua formação pautada em tensas relações. Isso pode ser constatado quando trazemos para a superfície dos acontecimentos a historicidade dos sujeitos, e o Rio emerge nessa trajetória como parte desse processo. Para tanto, faz-se necessário apontarmos um pouco mais sobre esse personagem histórico, que por longo tempo foi transformado, apropriado, e que vez ou outra estampa as manchetes dos noticiários.

O Rio Tietê foi, e ainda é, palco de longas e importantes narrativas. A costura dos acontecimentos que foram tecidos ao longo desse percurso nos coloca na rota das múltiplas transformações de uma urbanidade pujante, e que concomitantemente se apresentou como contraditórias. A cidade de São Paulo nasce da intersecção e a partir das elucubrações reavivadas nas/pelas águas turvas que se tornaram o Tietê, que compõem esse entrecruzamento.

Figura 1: o Rio Tietê (São Paulo)

Fonte: Hidrovias Brasil.

O mencionado Rio tem sua origem numa cidade do interior de São Paulo, mais precisamente, ele nasce na cidade de Salesópolis. Suas águas fazem o caminho contrário dos demais rios, pois atravessa os 62 municípios e deságua no Rio Paraná, na divisa com o Estado do Mato Grosso. Essa subversão dimensiona os aspectos que tomam suas margens. Mesmo que suas bordas passaram a se tornar, com o passar do tempo, reduto de algumas empresas que ali se instalaram para o desenvolvimento de um sistema capitalista equipado com objetivos de revitalizações e progressos, podemos perceber que também se tornou reduto de uma marginalidade que foi reflexo da já iminente gentrificação.⁴

⁴ Refere-se aos movimentos e mudanças na paisagem urbana. Entre outras coisas, podemos dizer que é o processo de segregação no âmbito da cidade, em decorrência, sobretudo, da intervenção do capital financeiro que valoriza uma determinada área, na mesma medida que cria mecanismos para expulsar parte das pessoas que ali estão. Para melhor compreender esse

É importante frisar um Rio e seu entorno estabelecido na proeminência dinamizada pelas relações sociais. Houve um tempo em que as práticas de esportes eram comuns, assim como o fluxo das águas transportava areias, argilas e as experiências das vidas que solidificavam os pilares de uma cidade multifacetada. Segundo Janes Jorge (2017), a favela do Canindé emerge a partir desse processo de mudanças. Entretanto, o que caracterizou as dissonâncias que permearam os entrelaçamentos das fissuras que apontavam na metrópole, foi a maneira como a interferência das empresas capitalistas foram potencializadas, o que normatizou uma dinâmica intrínseca àquele *modus operandi*.

Sobre as intervenções que ocorreram nessa costura de eventos, Jorge nos lembra de que:

A cidade, já então sede política e ponto de articulação do território paulista, integrou-se ao complexo agroexportador cafeeiro como centro financeiro, mercantil e ferroviário, o que desencadeou um processo acelerado de crescimento demográfico e expansão de sua área urbana [...] (JORGE, 2017, p. 38).

Dessa forma, o autor nos coloca frente a algumas questões imprescindíveis para que possamos dimensionar o sentido das alterações que estavam em curso, assim como as que estavam por acontecer, impactando de maneira abrupta as relações não só de ordem econômica, como é possível perceber nas linhas acima, mas também na vida dos sujeitos que estavam e viviam nessa cidade.

Os pontos apresentados pelo autor dimensionam uma cidade em vias de transformação. Mudanças constatadas através de um processo de urbanização que avançava a passos largos, e que deixava rastros. As profusões de acontecimentos que o rio enquanto sujeito de uma cidade que estava na rota das fortes investidas do capitalismo que se propagava, impactaram diretamente a vida de muitas pessoas.

conceito, ver Alcântara (2018).

Além disso, esse processo pode ser caracterizado pela forte investida do capital financeiro que encontrou respaldo para suas investidas. Certamente o processo de valorização de algumas regiões da cidade empurrou muita gente para os extremos. As periferias passaram a tomar a proporção de resistência, sobretudo a partir das ações dos sujeitos, que também é tida, nesse estudo, como sujeitos históricos. As margens do Rio Tietê se tornaram, a partir de então, espaço de práticas de uma sociabilidade, fronteira de vidas que evidenciava as ações de um mundo em ebulição.

As dimensões insurgentes praticadas pelos Marginais nas artérias dessas veias que pulsavam numa megalópole distópica podem ser constatadas no livro *Cinema na Margem: arte, história e subversão*, no filme de Ozualdo Candeias. Obra de minha autoria (SILVA, 2021), na qual trato os aspectos históricos e sociais que nortearam o cotidiano de homens e mulheres que resistiram diante da avalanche de transformações que se deram àquela altura. Entre outros pontos abordados, problematizo também sobre a marginalidade e suas bricolagens, que reaviva as nuances de uma realidade fragmentada que, por intermédio da testemunha que captam seus olhares, nos comunicam e denunciam as inconsistências de um mundo desnivelado.

Até aqui apresentamos o espaço em constante transformação, que de certa forma foi apropriado e praticado pelos sujeitos que ali fizeram morada. Assim como os personagens do filme *A Margem* (1967), do cineasta Ozualdo Candeias, Carolina Maria de Jesus compõe esse corpo marginal e, concomitantemente, resistente. As ações despendidas por aqueles que diariamente trazem para a superfície dos acontecimentos as lacunas e fragilidades de uma dinâmica voraz, tem nas bordas, naquela zona periférica, o espaço onde praticam, resistem e escrevem sua história.

Diante do exposto, podemos inferir com isto que as Margens estão carregadas de historicidade. É possível fazer uma leitura a contrapelo nos moldes de Walter Benjamin, de maneira que a escovação por certo nos apresentará as minúcias dos cotidianos esquecidos. Proponho, a partir daqui, alicerçar a construção da magnitude revelada pelas palavras que tornou *Quarto de Despejo* o combustível para a substância de uma *literatura marginal* atemporal, que reverbera ao longo do tempo.

CAROLINA MARIA DE JESUS E A PERSONIFICAÇÃO DA RESISTÊNCIA MARGINAL

Em 15 de julho de 1955, pelo que consta no diário escrito por Carolina Maria de Jesus, que se tornaria uma obra de referência nos estudos da literatura marginal, assim como do cotidiano de pessoas comuns postas como sujeitos históricos, assim inicia-se: “Aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu pretendia comprar um par de sapatos para ela. Mas o custo dos gêneros alimentícios nos impede a realização...”. (JESUS, 2014, p. 11). As primeiras linhas tecidas soam como um prognóstico. Todavia, antes mesmo de analisarmos os futuros eventos dessa história, tracemos brevemente a trajetória e problemática que consubstanciam suas caminhadas.

O processo de deslocamento foi – e ainda é, mesmo que numa menor proporção – prática comum na vida de milhares de brasileiros ao longo dos anos. O motor propulsor dessas ações era motivado, sobretudo, por uma melhoria de vida. O dinamismo migratório dentro do território nacional é carregado de variações, a depender do tempo e do espaço. Entretanto, no caso de Carolina essa constituição deambulatória consubstancia-se com o fato de fazer um caminho que não apenas esteve restrito ao movimento espacial. Pois a persistência em romper com as barreiras impostas por uma sociedade altamente desigual fazia parte do cotidiano daquela que ficaria conhecida pelas palavras realísticas de um mundo vivido nas constantes lutas e batalhas do dia a dia.

Carolina Maria de Jesus nasceu na cidade de Sacramento, provavelmente em 14 de março de 1914, Minas Gerais. O ano de sua vinda ao mundo nos permite observar algumas questões conjunturais que certamente nos ajudarão nas reflexões acerca de seus movimentos solidificados a partir de seus escritos. Nesse contexto é importante notar que o Brasil experimentava seus primeiros momentos no sistema republicano, proclamado em 15 de novembro de 1889. Além de ter vivenciado numa data também bem próxima ao momento denominado, e ao mesmo tempo controverso, abolição da escravatura, mais precisamente em 13 de maio de 1888. Isso, somente para situar a conjuntura de um período que esteve envolto naqueles acontecimentos.

Levando-se em consideração esses fatos históricos, o universo encontrado por Carolina era um dos mais controversos e paradoxos possíveis. Não só pelas ordens econômicas e políticas, uma vez que o modelo de poder estabelecido ainda procurava mostrar sua efetividade diante de uma realidade diferente das anteriores. Mas os costumes e hábitos assentados num período entrecortado pelo *mandonismo*, *patrimonialismo*, *corrupção*, *desigualdade social*, *violência*, *questões de raça*, *gênero* e *intolerância*, que ainda hoje persistem, eram muito latentes.

As ressignificações dos problemas pontuados acima permaneceram com o tempo. E essas permanências não podem em hipótese alguma ser esquecidas. Todavia, lembrar essas elucubrações passa pelo escrutínio de como se deram os combates, e intensas reflexões acerca desse período. Diante disso, Lilia Moritz Schwarcz (2019) nos lembra de que:

O problema é que essa espécie de história, muito pautada em mitos nacionais, de tão enraizada, costuma resistir à danada da realidade. Como é possível definir o Brasil como um território pacífico se tivemos por séculos em nosso solo, escravizados e escravizadas, admitindo-se, durante mais de trezentos anos, um sistema que supõe a posse de uma pessoa por outra? Lembremos que o Brasil foi o último país a abolir tal forma de trabalho forçado nas Américas [...]
(SCHWARCZ, 2019, p. 22).

Com isso, o recorte de tempo e espaço aqui apontados estão ligados aos tensos e não harmônicos resultados desses eventos. Os mais de trezentos anos de escravidão deixaram rastros difíceis de serem apagados, e que se mostram em vários âmbitos, tanto na vida privada, constatados por meio de uma educação patriarcal, como no espaço público, como extensão dessa esfera privada, a exemplo da desigualdade social. Só para termos alguns exemplos.

Diante disso, podemos retomar a trajetória de Carolina, e delinear algumas correlações substanciais com o presente estudo desse caso. Essas linhas nos revelam uma sociedade ainda alicerçada numa série de problemáticas que apenas ganharam novos personagens e que foi

recorrentemente ressignificada, e que reverberou ao longo do tempo. As inconsistências das relações pautadas pelo intenso uso de uma pessoa como propriedade de outra se estende também para novas formas de domínio, mesmo após uma abolição mal resolvida. No caso da autora ora em estudo, essas problemáticas se tornam mais tensas.

Uma mulher negra, numa sociedade patriarcal e estruturada num racismo perverso, resiste diante dessas tensas e contraditórias normatizações impostas por um sistema de igual modo voraz. Na sua cidade natal, Carolina deu os primeiros passos para desobedecer aos preceitos estabelecidos naquela dinâmica segregacionista. Contudo, as múltiplas formas de apropriação dos espaços e ferramentas utilizadas como forma de resistência se converteram, paulatinamente, no motor que impulsionou a força para sobreviver diante dos percalços da vida.

As margens do Rio Tietê, aqui já apontadas como espaço de sociabilidades, tornaram o lugar de resistência, onde a mulher negra, mãe solteira de três filhos (Vera Eunice de Jesus, João José de Jesus e José Carlos de Jesus), e acrescentando aí, também, mais uma característica: a de favelada. É assim que Carolina passou a enfrentar as bordas dessa cidade. Uma urbanidade que se constituía às custas dessa tensa e desnivelada realidade. O ato de resistir passa pelo uso daquilo que Michel de Certeau chama de *“a marginalidade de uma maioria”*. Dessa maneira, assim o autor nos situa sobre isso:

A figura atual de uma marginalidade não é mais de pequenos grupos, mas uma marginalidade de massas; atividade cultural dos não produtores de cultura, atividade não assinada, não legível, mas simbolizada, e que é possível a todos aqueles que, no entanto, pagam, comprando-os, os produtos espetáculos onde se soletra uma economia produtivista. Ela se universaliza. Essa marginalidade se tornou maioria silenciosa [...] (CERTEAU, 2014, p. 43).

Podemos inferir com isso que, na medida em que a ação de, por exemplo, catar papel, se molda como prática do cotidiano por uma mulher negra, e essa mesma prática se estende para outros que ali escrevem aqueles

espaços, formando um corpo que por certo representa a dinamização das artérias de uma zona periférica composta por sujeitos de uma “*maioria silenciosa*”. Entretanto, esses grupos que se expandem e tomam os espaços como atuantes, revelam e denunciam as mazelas dessa sociedade desigual. Carolina é voz dissonante nesse entrecruzamento. Simboliza, representa, subverte e universaliza as representações de uma maioria que percorrem as ruas, becos e vielas da favela.

Para sobreviver, conforme consta em seus escritos, antes que o sol aparecesse, levantava bem cedo, passava um café, quando tinha, e saía para a rua em busca de papel. Foi com esse mesmo papel que externava seus sentimentos, amarguras, desejos e raiva. Além de denunciar um mundo que subjuguavam a vida das pessoas que viviam na zona periférica daquela cidade pujante e, na mesma proporção, perversa e fragmentada. As trincheiras foram erigidas por um sistema que se moldava como ordenação de uma megalópole promissora. Mas as astúcias utilizadas por aqueles que necessitavam ultrapassar esses obstáculos eram reinventadas cotidianamente.

Perversidades e fragmentações logo capturadas por meio de um olhar que testemunhava as mazelas da periferia. As intensas caminhadas conduzidas *a priori* para alimentar os três filhos, também eram acompanhadas da constante necessidade em alimentar a memória com os fatos do cotidiano daqueles sujeitos que viviam às/nas margens. Eram marginais que preenchiam as páginas e folhas de seu diário. A vida e intersecção da organicidade entrelaçada por intermédio de sua experiência perpassava por um universo esquecido. Com isso, torna-se imprescindível notarmos o eco dessas vozes insurgentes.

As táticas dessa subversão consistem no uso de bricolagens, o que significa a apropriação dos objetos e lugares pensados pelo sistema para amortecer os conflitos. Na medida em que a organicidade cria mecanismo para o domínio, na mesma proporção fornecem elementos que municiam a “marginalidade de massa”. O papel, assim como outros objetos e ferramentas, torna-se um aparato de combate.

As regiões fronteiriças estão interligadas a vários campos, não somente ao espaço físico (centro-periferia), mas também às experiências

desenvolvidas no cotidiano. Como as produzidas por outros, e intercambiadas em diferentes lugares. Ou seja, os objetos e maneiras de pensar aquele universo têm sua zona de troca, de permuta, de transferência e recepção. No caso de Carolina, a escrita se tornou mecanismo e profusão dessas ideias por meio do andarilhar pelos diferentes campos de uma cidade desconecta, abjeta e tentadora.

Quando Michelle Perrot (2015), em seu livro *Minhas História das Mulheres* tratou sobre o acesso ao saber das mulheres ao longo da história, nos diz que “O saber é contrário à feminilidade [...] Escrever não foi uma coisa fácil [...]”, e fundamenta tal passagem com alguns exemplos. Contudo, essas rupturas se constroem pela ação direta de atos subversivos, que se tornarão exemplos para gerações subsequentes.

Entre os livros escritos por Carolina está *Quarto de despejo*, de 1960, como já mencionado. Livro no qual nos deteremos para seguirmos tratando sobre as nuances de uma realidade distópica. Antes mesmo de adentrarmos nesse universo, é importante frisar que essa obra compõe o rol de outras obras de sensível leitura de mundo, e impactante no campo da literatura marginal. A saber: *Casa de Avenaria* (1961); *Pedaços da Fome* (1963); *Provérbios* (1965). Além de outras obras póstumas: *Diário de Bitita* (1986); *Meu Estranho Diário* (1996); *Antologia Pessoal* (1996); *Onde está a felicidade* (2014).

Audálio Dantas, jornalista e escritor, na época que ainda trabalhava na revista *Folha da Noite*, foi quem “descobriu” Carolina. O jornalista escreveu o prefácio de uma das edições do livro *Quarto de Despejo*, e assim nos situa sobre sua ida ao Bairro do Canindé, e descreve como foi seu encontro com a autora:

[...] fui encarregado de escrever uma matéria sobre uma favela que se expandia na beira do rio Tietê, no bairro do Canindé. Lá, no rebuliço da favela, encontrei a negra Carolina, que logo se colocou como alguém que tinha o que dizer. E tinha! Tanto que, na hora, desisti de escrever a reportagem (DANTAS, 2014).

Notemos que a missão de Audálio era escrever sobre a favela, mas achou alguém que além de escrever sobre ela, morava e vivenciava seu cotidiano. A partir dessa experiência relatada acima, assim como das linhas subsequentes, o jornalista continua com: “A história da favela que eu buscava estava escrita em uns vinte cadernos encardidos que Carolina guardava em seu barraco [...]”, podemos inferir que o Tietê como espaço dessa sociabilidade marginal emerge para esse momento como campo de resistência. A favela deu para Audálio a vivência prática de quem transcende as páginas dos jornais. Os escritos encontrados denotavam a verdade vivida, experimentada e registrada daquela realidade. O grau de autenticidade foi notado pelos escritos, que registravam de maneira contundente e realista aquele “quintal”, como dizia Carolina.

Na matéria divulgada pela revista *O Cruzeiro*, de 1959, assim o título trazia de maneira bem incisiva: “Retrato da favela no diário de Carolina Maria de Jesus”, de autoria de Audálio Dantas. E no corpo do texto, a comprovação do espaço praticado, que reflete a complexidade das consequentes mudanças no processo desnivelado da metrópole nervosa. Então, notemos o texto:

O ‘Diário’ de Carolina é reportagem autêntica, retratos sem retoques. Carolina Maria de Jesus faz reportagem diária sobre a favela. Reportagem vivida e sofrida [...] E quando escreve, com sua caligrafia nervosa, que não tem o que comer, é com o desalento de quem está com o estômago vazio, e sem perspectiva imediata de enchê-lo (DANTAS, 1959, s.p.).

É possível perceber que no trecho acima algumas palavras estão de acordo com o metabolismo descrito pela autora ao longo de seus escritos. A constatação de que foi preferível entender aquele ambiente a partir da perspectiva de quem de fato conhecia o “desalento de quem está com o estômago vazio”, caracterizou os tons realísticos da reportagem. Um verdadeiro diagnóstico do “despejo” proferido sistematicamente pela autora, e que denota as inconsistências de uma cidade com seu tecido social comprometido.

A autenticidade da “*caligrafia nervosa*” impõe para as linhas que perpassam as páginas minuciosamente anotadas, e que são as múltiplas formas que servem de documentos para um estudo sensível e real. Ao testemunhar, conforme caminhava pelos becos embrenhados pelos casebres da favela, o sofrimento daquelas pessoas, as linhas de seu diário apontavam de maneira criteriosa e crítica aquele lugar, mas os relacionava sensivelmente a causa de suas consequências.

As metáforas descritas pela autora são de uma grandeza imensurável. O grau de percepção com que os fatos são descritos transcendem os limites da periferia. As *Margens* são compreendidas por Carolina como as veias que pulsam com a substância do que ocorre no seu entorno, e no próprio ambiente. Ela tem em mente que aquele não é um universo à parte, mas integra e é parte de uma construção altamente paradoxal e perversa.

Mais adiante, na mesma matéria, temos:

Mas Carolina não é apenas uma mulher que grita contra o mundo. Tem os seus momentos de fuga, quando deixa o registro puro e simples das misérias da favela e se encontra com seu ‘mundinho’ interior [...] É no ‘diário’, porém, que se encontra a autêntica Carolina Maria de Jesus, favelada falando da favela. Carolina só esteve durante dois anos na escola, mas sabe contar histórias [...] (DANTAS, 1959, s.p.).

Seu mundo interior, podemos dizer, é o resultado do conjunto das experiências adquiridas no transcurso da vida, e da mesma forma composta pelas inquietações e sensíveis maneiras de ver e enxergar as coisas. O hábito de questionar sempre a acompanhou. Pelo que consta, o pouco tempo que passou na escola por certo foi precedido pelo tempo de labutas diárias que apenas a tornou mais hábil no manejo e organização das letras. A potencialização de seu pensamento foi instituída pela soma desses fatores.

Ao longo dos dias, observa as relações do cotidiano, correlaciona com as questões que transcendem aquele lugar. As notícias do rádio de pilha complementam-se com as notícias encontradas em pedaços de papel recolhidos nas andanças, que antes mesmo de serem vendidos eram lidos.

Dessa maneira, a negra Carolina expande seu senso crítico. Opina sobre política, cultura, entre outros temas. Sua “fuga” consiste na apropriação dos espaços, e locupleta-se na introspecção realizada a partir das constantes observações de seu universo, aquele que teimosamente resiste.

No presente artigo, como forma de entrelaçar algumas palavras que acredito serem imprescindíveis para compreensão da conjuntura e do recorte de espaço e tempo, proponho algumas observações acerca dos conceitos, como foi o caso aqui, numa seção anterior, da apresentação do “Marginal”.

Nessa esteira de eventos, os conceitos podem ser reavivados de forma que entender e refletir sobre isso nos faz mergulhar em elucubrações mais intensas. Para tanto, o diálogo feito com Raymond Williams, aqui já mencionado, e tido como um dos principais estudiosos dos estudos culturais, nos aponta que os conceitos não são estanques, pois de alguma forma estão inseridos nas circularidades impulsionadas pelas dinâmicas da historicidade. Com isso, Williams os descreve como “movimentos históricos ainda não definidos” (WILLIAMS, 1997, p. 16). Ou seja, estão em constantes mudanças, no tempo e no espaço.

Os conceitos, a exemplo de marginal e despejo, podem ser compreendidos a partir do que acontece nas relações sociais. São, portanto, variáveis, ou seja, se transmutam com o tempo e o espaço. O que significa dizer que, no momento em que a obra *Quarto de Despejo* foi escrita, a percepção da autora e os registros feitos delinearam uma profusão de eventos decorrentes daquele momento. O *Despejo* denota uma série de questões. O emprego dessa palavra na obra tem o sentido de denúncia. As transformações impostas pelo processo de urbanização, aquelas decorrentes da aceleração e interposição de fábricas, estradas, viadutos, para atender o percurso estabelecido pelo sistema capitalista.

Nas seções que trataram sobre “O Marginal na História” e “O Rio Tietê e as margens de uma sociabilidade praticada”, pudemos perceber que as revitalizações impostas pelas ordenações, algumas áreas da cidade foram afetadas, fazendo com que muitas pessoas fossem retiradas de suas moradias. O surgimento das favelas passou a fazer parte do cenário da cidade e de seu espaço urbano. Carolina vivenciou essa mudança, e apontou

a favela como o lugar dos indesejados, o acolhimento dos despejados. A complexidade que envolve e está em torno do *Despejo* é múltipla. As relações sociais podem ser percebidas pelos vários acontecimentos, que por certo refletiram essas intercorrências de ordem socioculturais.

Quando tratamos sobre o processo de urbanização pela qual a cidade de São Paulo passou, é correto afirmar que a população sofreu os impactos dessa modernização. A relação que a autora faz dessa interconexão centro/margem, a certa altura do seu livro, é registrada da seguinte maneira:

[...] As oito e meia da noite eu já estava na favela respirando o odor dos excrementos que mescla com o barro pobre. Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de *viludos*, almofadas de *sitim*. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo (JESUS, 2014, p. 37).

Entre outras coisas importantes a serem observadas no trecho acima, são os erros ortográficos, que são poucos, e não tiram a legitimidade e importância da obra, e foram mantidos para manter a autenticidade e originalidade do seu escrito. Além disso, podemos perceber que o *despejo*, em se tratando de um conceito daquele momento, assim como do atual, e levantado para uma análise nas linhas anteriores, aparece como uma metáfora. Denota as diversas faces de uma disrupção social, e nos faz refletir sobre aquelas fraturas. O lugar que forjava seu crescimento por meio da congregação para a tão desejada civilização, fazia nascer, na mesma proporção, a barbárie.

Para além da comparação inserida por Carolina àquela altura, que nos revela os resquícios ainda muito presentes da segregação imposta pelas transformações daquele momento, o ato de despejar carrega um sentido atemporal, uma vez que denota as mazelas e perversidades do sistema capitalista que se embrenha de forma avassaladora pelas artérias do cotidiano daquela megalópole. E faz-se presente não somente nas

mudanças estruturais, como nas construções de viadutos, margens, ruas e nos estabelecimentos de empresas. Mas sim, como o próprio nome diz, no despejo, na expulsão das classes menos favorecidas para os locais indesejados, aqueles que não estavam, por enquanto, na rota das revitalizações que se projetavam.

À medida que o processo de urbanização avançava, outros lugares passavam a servir como o próximo despejo, outro “quarto”, expressão usada por Carolina ao longo do livro. Em 2 de novembro de 1958, assim Carolina Maria de Jesus escreve em seu diário:

[...] Fui lavar roupa e permaneci até as sete e meia. A Dorça foi lavar roupas e ficamos conversando as *poucavergonhas* que ocorrem aqui na favela [...] Achei o sol muito quente, fui sentar na sombra [...] conversei com um senhor. Disse-lhe que circulava um boato que a favela vai acabar porque vão fazer avenida. Ele disse que não é pra já. Que a prefeitura está sem dinheiro (JESUS, 2014, p. 130).

Há nesse trecho a historicidade dos sujeitos resistentes, assim como a evidência de uma conjuntura até aqui apontada como as tensas metamorfoses dos panoramas que tomavam aceleradamente a cidade. Uma construção, que como aqui já foi dito, foi se solidificando nas contradições e choques entre os personagens ali presentes.

Uma atividade comum naquele momento era lavar roupa e buscar água. Isso mostra que não havia nenhum tipo de investimento em infraestrutura onde Carolina morava, como também nas proximidades. O ato de lavar roupas configura-se como prática de resistência não somente pela ocupação dos espaços, mas pelas relações e trocas de experiências. Era o momento de ouvir daquelas pessoas um pouco sobre suas labutas, tristezas, desejos e sonhos.

Sobre o lavadouro, entendido como um espaço de experiências, vivências e resistências, tal qual a favela em que vivia Carolina, Michelle Perrot (1988, p. 202) assim nos situa acerca de sua funcionalidade: “É que o lavadouro é para elas muito mais do que um lugar funcional onde se lava

a roupa [...]”. E que de igual modo pode ser compreendido nas vivências dos sujeitos marginais que operavam às margens do Tietê. A forma de apropriação interrompe a tese de mulheres e homens excluídos e inertes. Coloca-nos diante de viventes, atuantes e insurgentes. A relação dessa passagem com o “diário” justifica-se pelas intensas lutas e demarcações de um latente levante a partir de sujeitos históricos, dos “vencidos”.

No diário constatamos as peculiaridades de um universo particular, como os apontados acima, quando das intensas relações entre as lavadeiras e aquele lugar, que sistematicamente foi escrito e reescrito. Entretanto, as mesmas particularidades podem ser observadas no universo público: como a possível construção de uma avenida.

O “boato” mencionado por Carolina tem relação com a construção da Marginal do Tietê, que de fato seria construída, ou melhor, finalizada, pois já estaria em andamento. Isso, portanto, configura-se na análise da escritora como pertencente ao que denominei acima de universo público. E, dessa maneira, sobre isso temos os seguintes trechos de recentes matérias extraídas sobre o tema do Jornal *O Estado de São Paulo*:

A história das marginais de São Paulo começou nos anos 20, quando o sanitarista Francisco Saturnino de Brito apresentou ao prefeito Pires do Rio um projeto de retificação do rio Tietê. Era o primeiro passo para a construção de vias laterais do rio, à época muito tortuoso, mas previa uma espécie de piscinão nas margens para evitar enchentes [...] (ROSE, 2013, s.p).

A construção da marginal teve início de fato na década de 1950. O que possibilitou a urbanização de uma parte da cidade que há um bom tempo, pelo que consta, vinha sendo debatida pelas autoridades. Carolina soube documentar esse momento através da percepção das pessoas que ali moravam e foram diretamente impactadas por essas alterações, como é possível notar nos constantes diálogos registrados em sua obra.

A Marginal do Tietê foi finalizada em 1970. Mas no decorrer desse processo de construção, aquela atmosfera foi capturada pelos sujeitos que

ali viviam. Como é possível notar nos trechos acima, o propósito a que foi submetido desde seu plano inicial não pode ser entendido de outra forma que não o de um plano segregacionista.

O lixão, lugar onde não só eram depositados entulhos, servia para aquelas pessoas retirarem seu sustento. Carolina Maria de Jesus faz essa relação ao tratar sobre esse entrecruzamento (ruas, margens, lixo, centro) como o despejo, fazendo um contraponto às “salas de lustres”, que nesse caso era o centro. Os personagens elencados por Carolina vão surgindo na medida em que nos debruçamos dia após dia, naquelas tramas costuras e documentadas nas linhas de seu diário. As histórias entrecruzam-se com uma realidade das margens e do centro. Seu andarilhar soa como poesia, mas poesia marginal, aquela que nos mantém acesos e atentos para os próximos passos.

As ideias criadas e estruturadas por essa autora ainda servem de munição para os pensamentos inquietos daqui do Brasil, assim como de várias partes do mundo. Suas obras foram traduzidas e publicadas por muitos países. Seu caráter cosmopolita atravessou fronteiras e fez de sua principal arma, a escrita crítica e afiada, o combustível para resistir e fazer outros resistirem.

Em 1º de janeiro de 1960, Carolina Maria de Jesus finaliza com apenas uma breve linha o livro que seria referência para vários campos de estudos. Assim, a autora escreve: “Levantei as 5 horas e fui carregar água”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escrita marginal não se resume a um conjunto de palavras interpostas, que formam frases sobre determinado assunto da periferia e de seu povo. Contudo, para além disso é possível dizer que os autores e obras que observam esse universo paradoxal realçam uma série de questões históricas passíveis de um olhar mais atento, não que os demais feitos não mereçam essa atenção. Nas Margens, como chamei atenção ao longo do artigo, é costurado sensivelmente uma realidade distópica que nos diz muito sobre as transformações de uma sociedade por intermédio da arte. A maneira perspicaz com que Carolina Maria de Jesus no insere

naquela organicidade, por meio de seu “Diário”, evidencia uma realidade tecida pelas veias de uma cidade em vias de mudanças aceleradas.

A maneira como fiz as divisões desse trabalho foi pensada, sobretudo, a partir da necessidade de dimensionar os espaços de sociabilidades daquele momento. As Margens do rio Tietê se tornaram não somente refúgio das pessoas que foram despejadas para os lugares indesejados, mas ganhou traços de resistência, assim como fez com que as vozes que ali habitavam ressonassem diante da voracidade de um sistema perverso. Os sujeitos desse entrecruzamento são históricos.

Em vista das pesquisas realizadas, e dos argumentos apresentados, as referências feitas pela autora aos aspectos político, social, econômico e cultural, nos permitem analisar a realidade daquele momento. Sua escrita se põe como um documento de grande valia. A sensibilidade de seu olhar testemunhou minuciosamente as particularidades daquela realidade decrépita.

Quando em “Carolina Maria de Jesus e a personificação da resistência Marginal” tratei sobre a vida da autora, fiz uma relação com os deslocamentos que permitiu para a escritora a experiência entrecruzada pelas vivências de quem sofreu as agruras da vida desde criança. O resistir consistiu na personificação do Marginal para romper com as normatizações de uma realidade assentada na desigualdade social. Carolina fez da miséria o combustível de combate. Fez do papel encontrado nos lixos sua munição.

Por fim, é que em virtude do exposto, podemos fazer outras reflexões acerca do atual momento, quando a expansão e intensificação das grandes cidades ainda causam grandes desigualdades sociais. Num país extremamente rico, de grandes concentrações de bens, pessoas ainda são “despejadas”. O “Despejo” aqui pode ser interpretado de múltiplas formas, como privação de lazer, alimentação, educação de qualidade, trabalho digno, e moradia. Pelo Brasil afora existem “Carolinas”.

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. vol. I. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- BURKE, Peter. *A Escola dos Annales: a revolução francesa da historiografia*. São Paulo: Editora Unesp, 2010.
- CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano: artes do fazer-* vol. 01. Petrópolis: Vozes, 2014.
- GINZBURG, Carlos. *O Queijo e os Vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Ática, 2014.
- JORGE, Janes. *Tietê: O Rio que a cidade perdeu - São Paulo: 1890-1940*. São Paulo: Departamento de educação ambiental (governo do Estado de São Paulo), 2017.
- PERROT, Michelle. *Minha História das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2015.
- PERROT, Michelle. *Os Excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros*. São Paulo: Paz e Terra, 1988.
- RAMOS, Fernão. *Cinema Marginal (1968/1973): A representação em seu limite*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1987.
- SCHIMITT, Jean-Claude. “A História dos Marginais”. In: LE GOFF, Jacques. *A História Nova*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- SILVA, Edinei P. *Cinema na Margem: arte, história e subversão no filme de Ozualdo Candeias*. Curitiba: CRV, 2021.
- SCHWARCZ, Lília Moritz. *Sobre o autoritarismo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Ed. Zahar. Rio de Janeiro, 1979.

FONTE

ALCÂNTARA, Maurício Fernandes de. “Gentrificação”. In: *Enciclopédia de Antropologia*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia, 2018. Disponível em: <http://ea.fflch.usp.br/conceito/gentrificacao>.

DANTAS, Audálio. Quarto de Despejo (I). *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 20 de jun. de 1959. p. 93.

ROSE, Saconi. Como era São Paulo sem a Marginal Tietê. *Estado de São Paulo*, São Paulo. 04 mar. 2013.

Texto recebido em 27/09/2021 e aprovado em 09/01/2022